



AS TEORIZAÇÕES SOBRE TRADUÇÃO DE BENVENISTE: DUAS PERSPECTIVAS DISTINTAS?

BENVENISTE'S THOUGHTS ON TRANSLATION: TWO DISTINCT PERSPECTIVES?

Sara Luiza Hoff¹ (UFRGS)

RESUMO

Embora o linguista Émile Benveniste tenha teorizado sobre diversos assuntos, ele não parece ter dedicado muita atenção teórica ao fenômeno tradutório. No entanto, ele abordou esse tema em pelo menos dois momentos distintos de sua obra publicada: um parágrafo do texto “A forma e o sentido na linguagem”, em que a tradução é considerada um meio de clarear a sua proposta de dois domínios da língua (semiótico e semântico), e uma nota manuscrita, intitulada “La traduction, la langue et l’intelligence”, em que a tradução aparece juntamente com a relação de dependência mútua entre a linguagem e o pensamento, com o caráter duplo da linguagem e com o valor de designação. Este trabalho visa analisar essas duas instâncias de teorização da tradução, apresentando-as e traçando possíveis pontos de convergência e divergência entre elas, para então refletir acerca da possibilidade do estabelecimento de uma perspectiva única sobre tradução em Benveniste e sobre o alcance de uma tal perspectiva para pensar o fenômeno tradutório.

Palavras-chave: Émile Benveniste. Tradução. Semiótico. Semântico. Valor de designação.

ABSTRACT

Even though linguist Émile Benveniste theorized about several subject, he apparently did not devote much theoretical attention to the translation phenomenon. However, he approached this topic in at least two distinct moments of his published work: a paragraph in the text "Form and Meaning in Language", in which translation is regarded as a way to clarify his proposed two domains of the language (semiotic and semantic), and a handwritten note, entitled "La traduction, la langue et l'intelligence", in which translation appears along with the relationship of mutual dependence between language and thought, with the double character of language and with the designation value. This paper aims to analyze these two instances of theorization about translation, presenting them and outlining possible points of convergence and divergence between them, to reflect on whether it is possible to establish a single perspective on translation in Benveniste's works and on the possible implications of this perspective to think about the translation phenomenon.

Keywords: Émile Benveniste. Translation. Semiotic. Semantic. Designation value.

¹ Doutoranda em Letras – Análises textuais, discursivas e enunciativas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: saraluizahoff@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO²

Ao longo de sua carreira, Émile Benveniste se ocupou de diversos assuntos e se dirigiu a públicos variados. Como afirma Flores (2013, p. 22), “[...] sua obra contempla uma infinidade de temas que vão desde o estudo de aspectos de linguística geral, fenômenos diacrônicos, sintáticos, lexicais, culturais, até temas que testemunham uma verdadeira interação com áreas conexas aos estudos da linguagem”. Por isso, é uma obra que “[...] dialoga com todo o pensamento teórico de seu tempo [...]”, incluindo “[...] textos dedicados à filosofia, psicanálise, sociologia, antropologia, às teorias da cultura, da lógica etc.” (FLORES, 2013, p. 22).

No entanto, apesar de a tradução ser um fenômeno que é objeto de interesse de pensadores diversos há muitos anos, como coloca Steiner (2005) – que aponta Cícero e Horácio como os autores dos primeiros escritos sobre o tema, por volta de 50 a. C. –, ela não parece ser um assunto que Benveniste toma como objeto de teorização com frequência ao longo de sua obra.

Este trabalho trata precisamente das principais instâncias do pensamento benvenistiano sobre a tradução – parte do texto “A forma e o sentido na linguagem” e a nota manuscrita “La traduction, la langue et l’intelligence” –, objetivando detalhá-las e analisá-las, considerando pontos de convergência e divergência entre elas. Busca-se, a partir disso, refletir, igualmente, acerca da possibilidade de estabelecer uma perspectiva única sobre tradução em Benveniste e sobre o alcance de uma tal perspectiva para pensar o fenômeno tradutório.

Para atingir esses objetivos, o trabalho é feito por meio de pesquisa bibliográfica dos textos mencionados, com eventuais menções a materiais de apoio. O artigo inicia com o detalhamento dos dois pontos de vista sobre tradução de Benveniste mencionados acima, na seção 2, seguido do contraste entre eles (seção 3), traçando paralelos que apontem as suas semelhanças e diferenças. Por fim, a seção 4 considera um outro modo de pensar a tradução, com base no que é exposto nas seções anteriores, e é seguida de breves considerações finais.

² Este artigo apresenta reflexões desenvolvidas de modo mais aprofundado em minha dissertação, intitulada *A nota “La traduction, la langue et l’intelligence”: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste* (HOFF, 2018).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



2 A TEORIZAÇÃO DA TRADUÇÃO EM BENVENISTE

Como já afirmado, Benveniste não parece ter teorizado a tradução com muita frequência. A exceção mais notável é um parágrafo do texto “A forma e o sentido na linguagem”, que, até recentemente, era considerado, pelos que estudam o linguista sírio-francês, como o único ponto de teorização sobre o assunto na obra benvenistiana. Em 2016, porém, com a publicação da coletânea *Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture*, surge uma nova instância de reflexão sobre o fenômeno tradutório por parte de Benveniste: a nota “La traduction, la langue et l’intelligence”. Essas duas instâncias de teorização acerca da tradução são apresentadas nas seções abaixo.

2.1 A TRADUÇÃO DO PONTO DE VISTA ENUNCIATIVO: “A FORMA E O SENTIDO NA LINGUAGEM”

O texto “A forma e o sentido na linguagem”, publicado em 1967, deriva da apresentação de uma conferência que Benveniste proferiu para filósofos em 1966 em Genebra e é considerado parte do *corpus* daquilo que se convencionou chamar a teoria enunciativa de Benveniste (cf. FLORES, 2013). Nessa conferência, que gira essencialmente em torno do problema da significação, Benveniste desenvolve a proposta – que já havia, de certa forma, sido adiantada em 1964, em “Os níveis da análise linguística” (cf. FLORES, 2013) – de dois domínios da língua: o semiótico e o semântico.

A unidade do domínio semiótico, segundo Benveniste (1967³/2006, p. 227) é o signo, que deve ser identificado “[...] no interior e no uso da língua”. Tal identificação é de responsabilidade dos falantes, que respondem à questão “[...] isto significa ou não?”, sendo que significar, neste contexto, “[...] é ter um sentido, nada mais” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 227). O sentido exato, então, não importa; somente é necessário determinar *se* a unidade significa, se faz parte do sistema da língua.

³ Devido à relevância de considerar a data de publicação dos textos de Benveniste – ao invés da data das compilações de artigos *Problemas de linguística geral I e II* –, neste trabalho, opto por seguir as citações desse autor com a data original seguida da data da edição brasileira consultada.



A questão essencial para o domínio semiótico, então, é o reconhecimento das unidades como partes da língua, não importando as suas especificidades, somente a sua existência na realidade intralinguística.

Já no domínio semântico, passa-se do signo à palavra, que não é tomada isoladamente: ela integra uma frase, “[...] a expressão semântica por excelência” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 229). Por isso, “a noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação”, permitindo ver “[...] na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, [...] em resumo, organizando toda a vida dos homens” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 229). Portanto, importa, nesse domínio, não a função de significar, mas a de comunicar.

Passa-se, com esse domínio, então, para uma outra perspectiva, que se baseia no fato de que a língua é usada por um sujeito para produzir um discurso que permitirá que esse sujeito interaja com os outros sujeitos e exista no mundo.

Ainda em relação ao semiótico e semântico, é importante observar que Benveniste (1967/2006, p. 229, grifo meu) ressalta que “há para a língua *duas maneiras* de ser língua [...]”. No entanto, esses dois modos, embora radicalmente diferentes, não são dissociados: nas palavras do próprio linguista, “[...] as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico. Mas estes signos, em si mesmos conceptuais, genéricos, não circunstanciais, devem ser utilizados como ‘palavras’ para noções sempre particulares” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 233).

Após estabelecer as diferenças e a relação entre os domínios da língua, Benveniste se encaminha para o encerramento do texto. Para isso, ele parte da constatação de que é possível “[...] ‘dizer a mesma coisa’ numa como noutra categoria de idiomas”, o que ele entender ser “[...] a prova, por sua vez, da independência relativa do pensamento e ao mesmo tempo de sua modelagem estreita na estrutura linguística” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 233). A partir dessa observação, ele afirma que

a reflexão sobre este fato notável parece clarear a articulação teórica que nós nos esforçamos por estabelecer. Pode-se transpor o semantismo de uma língua para a outra, “salva veritate”; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semioticismo de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se aqui a diferença entre o semiótico e o semântico (BENVENISTE, 1967/2006, p. 233).



Percebe-se, portanto, que a tradução é apresentada como um meio de evidenciar – ou, nas palavras de Benveniste, de *clarear* – a proposta teórica apresentada anteriormente. É por meio da tradução que a diferença entre os dois domínios da língua é mais bem exemplificada. O fenômeno tradutório, portanto, constitui uma evidência empírica do modo de organização da língua.

É interessante observar, ainda em relação a essa passagem, que Benveniste coloca possibilidade e impossibilidade de tradução lado a lado. Não se trata, portanto, de uma impossibilidade radical de transposição linguística, nem, ao mesmo tempo, de uma possibilidade de transmissão plena de conteúdos, sem nenhuma perda. A tradução, portanto, não é uma tarefa fácil: há nela algo de viável que convive com algo impraticável.

É importante destacar, ainda, que a viabilidade da tradução se encontra no terreno do domínio semântico, ou seja, na língua efetivamente colocada em uso, ou, em outros termos, na enunciação. Já ao se considerar a língua do ponto de vista semiótico, ou seja, como sistema de signos, a tradução se torna impossível, posto que não há equivalência entre idiomas diferentes tomados a partir dessa perspectiva.

É importante, ainda considerando o texto “A forma e o sentido na linguagem”, observar que, apesar da percepção generalizada de que o parágrafo citado acima seria o único ponto de teorização da tradução, Benveniste continua abordando o fenômeno, afirmando que

no entanto, que a tradução se torne possível como processo global é também uma constatação essencial. Este fato revela a possibilidade que temos de nos elevarmos além da língua, de abstrai-la, de contemplá-la, ainda que utilizando-a em nossos raciocínios e em nossas observações. A faculdade metalinguística, a que os lógicos têm estato [sic] mais atentos do que os linguistas, é a prova da situação transcendente do espírito “vis-a-vis” da língua em sua capacidade semântica (BENVENISTE, 1967/2006, p. 233).

A tradução, portanto, como explicitada em “A forma e o sentido na linguagem”, não somente representa uma evidência empírica dos dois domínios da língua, mas também demonstra outra propriedade desta: a faculdade metalinguística. O fenômeno tradutório, desse modo, permite direcionar o olhar, refletir e, conseqüentemente, falar sobre a língua usando a própria língua.



2.2 A TRADUÇÃO DO PONTO DE VISTA DE “LA TRADUCTION, LA LANGUE ET L’INTELLIGENCE”

Em 2016, são publicados, no livro *Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture*, organizado por Irène Fenoglio, dois manuscritos inéditos de Émile Benveniste: um, intitulado “Singular et pluriel” [Singular e plural], aborda a questão da quantidade e numeração; o outro tem o nome “La traduction, la langue et l’intelligence”⁴ [A tradução, a língua e a inteligência] e discute diversos assuntos, como demonstro abaixo. O manuscrito é apresentado dividido em três partes, que consistem de cinco folhas escritas à mão, sendo que, na primeira, somente figura o título já mencionado⁵.

Em relação a esse manuscrito, é importante notar que a data em que ele foi escrito é desconhecida. Não há informações referentes a isso nas páginas, exceto por uma indicação, no canto superior esquerdo da segunda página, de que as anotações seriam destinadas a uma conferência em Genebra (não há especificações, entretanto, de que conferência seria). Também deve-se observar que, até onde se sabe, o texto não chegou a ser publicado.

A primeira parte da nota consiste de uma folha e trata, essencialmente, da relação de mútua dependência entre a linguagem e aquilo que Benveniste chama de inteligência. Para o autor, a linguagem forma a inteligência, mas, ao mesmo tempo, a inteligência modela a linguagem, o que resulta no fato de que “[...] a inteligência pode ‘querer dizer’ algo que é, de algum modo, exterior à linguagem e que a língua compõe com o auxílio de palavras que têm a sua significação própria, e cujo arranjo produz aquilo que a inteligência ‘quer dizer’” (BENVENISTE, 2016, p. 37, grifo do autor, tradução minha). Essa constatação, ainda segundo Benveniste, implica a abertura de dois caminhos distintos: o primeiro diz respeito à possibilidade de tradução, já que é possível apreender a mensagem da inteligência e transpô-la para outra língua; o segundo consiste na “[...] solução de um problema semântico” que diz respeito à existência de dois sentidos, que Benveniste se limita a apresentar, não indo além na reflexão: “um é aquele das palavras, por fórmulas que sumarizam seus empregos – o outro,

⁴ Por conta do título, esse manuscrito, às vezes, é referido como “nota sobre tradução”, termo que adoto também neste trabalho.

⁵ O fac-símile dessa nota manuscrita, o texto completo e uma versão traduzida por mim podem ser consultados em Hoff (2018).



aquele da inteligência e do que ela ‘quer dizer’” (BENVENISTE, 2016, p. 38, tradução minha).

A segunda parte da nota sobre tradução, por sua vez, trata do caractere duplo da linguagem, que “[...] se desenvolve sempre na junção da natureza e da cultura” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifo do autor, tradução minha). Nessa parte, Benveniste explica que a linguagem tem uma base biológica, sobre a qual a cultura age, articulando-a, dando uma determinada forma ao material fornecido pela natureza. Benveniste fornece e analisa brevemente alguns exemplos, como as onomatopeias e os gritos.

Por fim, a terceira parte de “La traduction, la langue et l’intelligence” lida mais diretamente com a questão da tradução. Benveniste inicia essa parte com uma afirmação bastante categórica, dizendo que “o que traduzimos é a relação do signo com a realidade, ou seja, o valor de designação” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifos do autor, tradução minha). Um ponto importante a considerar, aqui, é o uso do termo “valor” associado à noção de designação, que pode ser interpretado como uma remissão a Saussure (1970, p. 130), que entende que a língua é “[...] um sistema de valores puros [...]”; desse ponto de vista, ao invés de entender que o que se traduz é apenas a relação entre a unidade e a realidade, fica evidente que é necessário, também, que o processo tradutório leve em conta a relação dos elementos linguísticos entre si, implicada pela noção de sistema. Em outras palavras, ao invés de considerar a afirmação de Benveniste categoricamente e pensar que a prática tradutória somente deve se basear na relação da língua com a realidade extralinguística, é possível entender que também deve haver uma consideração do valor – ou, em outros termos, da significação – das unidades da língua.

Após a afirmação sobre o valor de designação, Benveniste se dedica à análise de um exemplo de tradução: o termo grego que designa os insetos, ἔντομα [éntoma], traduzido para o latim *insecta*. Essa tradução, segundo o linguista, ocorre por meio de dois processos: o primeiro consiste na aplicação de uma dada designação para um dado elemento da realidade, enquanto o segundo consiste na imitação de um modelo estrangeiro para criação dessa designação. Esses processos resultam no fato de que “[...] designamos em latim os pequenos seres em questão como ‘insetos, divididos em segmentos’, criando ou utilizando a mesma relação entre o signo e a coisa” (BENVENISTE, 2016, p. 39, grifos do autor, tradução minha). Tem-se, aqui, então, uma espécie de metodologia do processo tradutório.



Na sequência da nota manuscrita, após a análise do processo de tradução entre grego e latim, Benveniste fecha a nota com uma definição de tradução:

Traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte, seja por equivalências literais entre signos, se eles podem compor o mesmo ‘sentido’, seja por equivalências globais obtidas por meio de relações completamente diferentes, não mais entre signos (BENVENISTE, 2016, p. 39, tradução minha).

Novamente, entretanto, o linguista não vai além na reflexão, se limitando a apresentar os dois tipos de equivalência, sem detalhá-los ou exemplificá-los, tornando a reflexão bastante enigmática, dificultando o entendimento das diferenças ou das especificações de cada uma dessas equivalências. No entanto, fica evidente que Benveniste entende, de certa forma, que não há somente um modo de traduzir: dependendo do contexto, serão necessárias estratégias diferentes.

É importante considerar, aqui, que, justamente devido a essas lacunas e levando em consideração o caráter de incompletude da nota manuscrita, se torna necessário não tomar o seu conteúdo como um produto acabado, com valor de afirmação plena, o que, note-se, não invalida o seu uso ou anule a sua relevância teórica. Nesse contexto, é fundamental tomar cuidado na interpretação do material, considerando-o como o princípio de uma reflexão não finalizada, composto de ideias embrionárias. Por isso, o contraste com o restante da teorização benvenistiana adquire uma função primordial, já que permite a aprovação ou contestação das propostas.

Com isso em mente, é interessante observar que, embora o título dessa nota manuscrita possa conduzir à percepção de que o seu principal assunto seria a tradução, já que é esse o primeiro termo que nele figura, a análise do seu conteúdo permite identificar que, na verdade, o tema condutor dela é a linguagem, já que a primeira parte trata da relação entre linguagem e pensamento, a segunda detalha a dupla natureza da linguagem e a terceira se concentra na questão da relação entre língua e realidade – indo, portanto, também além da língua. A tradução só aparece nominalmente em duas partes, sendo que só é abordada mais aprofundadamente na terceira, quando serve como meio para a discussão do vínculo entre linguagem e realidade. A linguagem, por outro lado, pode ser percebida em toda a reflexão da nota manuscrita.



3 DUAS PERSPECTIVAS DISTINTAS?

Apresentadas as duas instâncias principais em que Benveniste teoriza a tradução⁶, surge o questionamento: seriam elas duas perspectivas distintas ou é possível encontrar um ponto de vista único acerca do fenômeno tradutório? Para respondê-la, delimito, nesta seção, os pontos de divergência e de convergência entre as duas abordagens.

Considerando os pontos em que as perspectivas diferem, nota-se que somente em “A forma e o sentido” Benveniste menciona a faculdade metalinguística, que se associa à tradução por esta atividade permitir que o locutor se eleve além da língua e a contemple. “La traduction, la langue et l’intelligence” não contém nenhum tipo de discussão sobre esse assunto.

Também é importante observar que a impossibilidade de tradução só é mencionada em “A forma e o sentido na linguagem”; na nota manuscrita, Benveniste somente aborda a possibilidade de tradução, tanto a mencionando diretamente na primeira parte, como uma consequência da relação entre linguagem e pensamento, como aludindo a ela indiretamente pelo fato de apresentar uma possibilidade real de tradução de um termo grego na terceira parte. Na nota sobre a tradução, portanto, não há espaço para a discussão das instâncias em que a tradução é impraticável.

Também é somente na conferência aos filósofos que Benveniste trata diretamente daquilo que mais tarde ele definiu como a “[...] dupla significância” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 65) da língua: os modos semiótico e semântico. Aqui, no entanto, uma observação é necessária: é possível entender que, ao mencionar a existência de dois sentidos em “La traduction, la langue et l’intelligence” – devido à incompletude e ao inacabamento desse manuscrito –, Benveniste já estaria pensando na dupla significância da língua. Apesar de colocar a questão em termos diferentes, pode-se traçar uma aproximação entre as duas abordagens. Em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste afirma que o semiótico se relaciona ao reconhecimento do signo como parte do sistema, pelo falante, a partir do uso da

⁶ É importante notar que, conforme levantamento realizado para a minha dissertação (HOFF, 2018), Benveniste menciona o fenômeno tradutório muitas vezes ao longo de sua obra, além de utilizar a tradução como meio de demonstrar diversas hipóteses sobre a língua.



língua, já que “[...] o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 227); já na nota manuscrita, o primeiro sentido mencionado é o das palavras, que pode ser apreendido “[...] por fórmulas que sumarizam seus empregos [...]” (BENVENISTE, 2016, p. 38), o que pode equivaler ao uso. Em relação ao segundo sentido, no manuscrito, ele se relaciona à inteligência e ao que ela “quer dizer” (BENVENISTE, 2016); na conferência aos filósofos, o semântico, por sua vez, é associado à noção de intencionado, que é esclarecida por Benveniste (1967/2006, p. 229) como “[...] [o] que o locutor quer dizer, [a] atualização linguística do seu pensamento”. Observa-se, então, que a reflexão, nos dois contextos, é bastante semelhante, apesar de usar termos diferentes.

Ainda em relação às divergências entre as perspectivas, é importante notar que, embora a dupla natureza da linguagem seja mencionada em “A forma e o sentido na linguagem” – quando Benveniste (1967/2006, p. 224) define que é inerente à linguagem o duplo aspecto que consiste no “[...] caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido” –, é somente em “La traduction, la langue et l’intelligence” que o assunto é detalhado, sendo até mesmo acompanhado de exemplos.

Por fim, observam-se, ainda, outros dois aspectos exclusivamente presentes na nota sobre tradução, especificamente na terceira parte desta. O primeiro é o fornecimento e análise de um exemplo prático de prática tradutória (do grego ἔντομα [éntoma] para o latim *insecta*). O segundo aspecto específico de “La traduction, la langue et l’intelligence”, por sua vez, é a menção da questão da designação – que, muitas vezes, é excluída dos horizontes dos linguistas⁷, por entenderem que é necessário limitar seus estudos à língua, eliminando o que está fora dela. Benveniste, em “La traduction, la langue et l’intelligence”, opta por uma abordagem distinta, enfatizando, de certa forma, que é impossível traduzir – e, conseqüentemente, considerar a língua – sem olhar para o que lhe rodeia, o que, é importante repetir, não implica ignorar as relações de significação dos elementos no contexto intralinguístico.

⁷ É importante notar que o próprio Benveniste (1995a), no “Prefácio” do seu *Vocabulário das instituições indo-europeias*, declara que a designação não é de interesse dos linguistas, ficando o seu estudo de responsabilidade dos historiadores e sociólogos.



Ao observar que, na nota manuscrita, Benveniste aponta para a consideração do que está fora da língua, é importante notar que a postura do linguista em “A forma e o sentido na linguagem” não deixa de, de certa forma, ser semelhante quando se leva em conta a relação entre a língua e o mundo, já que o domínio semântico – que, como já visto, diz respeito à possibilidade de tradução –, para Benveniste (1967/2006, p. 230), implica uma ligação “[...] às coisas fora da língua”, já que diz respeito, essencialmente, à enunciação, ao emprego da língua, expressando “[...] uma certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 1970/2006, p. 84).

Assim, chega-se a um primeiro ponto de convergência entre a nota manuscrita e a conferência para filósofos: em ambas as perspectivas há, igualmente, a consideração tanto da língua quanto daquilo que Benveniste (2016, p. 39, grifo do autor) nomeia, na nota sobre tradução, “[...] a realidade (extralinguística) [...]”, embora essa consideração se dê por meios diferentes: em “La traduction, la langue et l’intelligence”, ela diz respeito à designação; em “A forma e o sentido”, à enunciação.

Ainda analisando as convergências, é necessário observar, também, o fato de ambas as reflexões apresentarem o termo “possibilidade de tradução”, embora, novamente, haja algumas especificidades em cada perspectiva. Na conferência aos filósofos, a noção é relacionada ao domínio semântico, ou seja, ao ato de produção de discurso, enquanto, na nota manuscrita, ela se refere à possibilidade de compreensão da mensagem transmitida pela inteligência. É possível, no entanto, entender que a tradução, para Benveniste, é uma realidade empírica, sendo sempre uma atividade possível, efetivamente realizada.

Chama a atenção, ainda, a presença, nas duas abordagens teóricas da tradução por Benveniste, de um aspecto já mencionado brevemente acima: a noção de “querer dizer”. É com base na relação de dependência circular entre a linguagem e a inteligência que essa noção surge na nota manuscrita: a inteligência se serve das palavras da língua – colocadas em um dado arranjo – para expressar aquilo que ela quer dizer. Já em “A forma e o sentido”, a concepção se associa principalmente ao intencionado. Parece ser possível entender, em ambos os casos, que Benveniste se ocupa da relação entre linguagem e pensamento, já que as abordagens parecem tratar basicamente do modo de expressão de um dado conteúdo por meio da língua.



Nesse sentido, é importante notar que, em ambas as reflexões, a noção de “querer dizer” é relacionada ao fenômeno tradutório. Como mencionado em 2.1, o parágrafo célebre sobre tradução de “A forma e o sentido na linguagem” é precedido da constatação de que é possível “dizer a mesma coisa” em línguas diferentes, enquanto em “La traduction, la langue et l’intelligence” a apreensão da mensagem, daquilo que a inteligência “quis dizer”, representa a possibilidade de tradução. Isso permite entender que, para Benveniste, a tradução consiste, de certa forma, em um observatório para a relação entre a linguagem e o pensamento.

Por fim, é importante notar que a tradução, nas duas reflexões aqui consideradas, cumpre o papel de evidenciar as proposições teóricas de Benveniste. Em “A forma e o sentido na linguagem”, isso é afirmado textualmente por Benveniste (1967/2006, p. 233): a reflexão sobre a tradução “[...] parece clarear a articulação teórica [...]” apresentada no texto. Em “La traduction, la langue et l’intelligence”, por sua vez, embora não esteja explicitamente expresso, é possível perceber que a tradução é usada como meio para evidenciar as propriedades da linguagem. Percebe-se, com isso, a potência do fenômeno tradutório como fenômeno de linguagem.

3 UMA OUTRA FORMA DE PENSAR A TRADUÇÃO

É possível observar, com base no que foi exposto na seção anterior, que, embora existam aspectos em que as duas perspectivas sobre tradução consideradas neste trabalho diverjam, há pontos que as unem. Um deles é a percepção da existência da possibilidade de tradução, ou, em outros termos, a constatação empírica do fenômeno tradutório: a tradução é um fato. Outro aspecto que merece destaque é que o fenômeno tradutório é considerado como um indício da relação entre a linguagem e o pensamento, um meio de demonstrar que não é possível dissociar a língua e o raciocínio.

Porém, o fato comum às duas abordagens que chama mais atenção é que a tradução implica sempre a consideração tanto da língua – posto que é um fenômeno eminentemente linguístico que envolve pelo menos duas línguas diferentes – quanto daquilo que está fora dela. Ao buscar um ponto de vista que considere a perspectiva de “A forma e o sentido na linguagem” e de “La traduction, la langue et l’intelligence” conjuntamente, é possível



concluir que traduz-se – com base no enunciado – uma dada enunciação, um conteúdo da inteligência expresso por um determinado sujeito através da colocação em funcionamento da língua. Ao fazer isso, há “[...] a expressão de uma certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 1970/2006, p. 84). Mesmo ao levar em conta a tradução de unidades linguísticas isoladamente, como Benveniste propõe na terceira parte de sua nota manuscrita sobre tradução, é necessário levar em conta tanto a relação destas com a realidade extralinguística quanto o valor que decorre de tal relação.

Não poderia ser diferente, já que, para Benveniste (1967/2006, p. 229, grifo do autor), “[...] a linguagem serve para *viver*”. É necessário, portanto, considerar sempre a língua na sua “função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, [...] organizando a vida dos homens” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 229), até mesmo quando o assunto é a tradução.

Ao adotar essa perspectiva, é possível passar a olhar para o fenômeno tradutório de uma outra perspectiva.

É fato que não há, no mundo, uma só língua; pelo contrário, a diversidade linguística é ampla. Decorre daí, inclusive, como bem coloca Thouard (2016, p. 264, tradução minha): “a tradução é primeiramente um substituto da compreensão: quem compreende todas as línguas não terá nenhuma necessidade dela”. Nessa perspectiva, se é a língua que organiza a vida dos seres humanos, é possível entender que não há, igualmente, uma só maneira de organizar o mundo, de perceber a realidade.

A tradução, nesse ponto de vista, se torna um meio de evidenciar não somente a diversidade linguística, mas aponta também para a diversidade cultural. Por meio da prática tradutória, é possível divisar e apreender outras maneiras de estar no mundo, outras construções da realidade. Nas palavras de Thouard (2016, p. 264–265, tradução minha), “[...] a reflexão sobre a diferença das línguas induzida pelo ato de traduzir obriga a reconhecer um outro modo de dar sentido ao mundo, uma outra cosmologia linguística”. Desse modo, a tradução se torna um meio de ampliação do horizonte dos seres humanos, possibilitando que eles tenham acesso a outros modos de percepção da realidade.

Desse ponto de vista, o fenômeno tradutório deve ser considerado como um fenômeno de linguagem, que permite um melhor entendimento da natureza e da experiência humana e também da própria realidade. A tradução, desse modo, se configura, como afirma Meschonnic



(2010, p. XXII), em um “[...] posto de observação sobre as estratégias de linguagem [...]”. Desse ponto de vista, é um fenômeno de extrema importância, já que representa um modo de visualizar a diversidade antropológica, cultural e, principalmente, linguística do mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vezes, percebe-se a tradução somente como a mera transposição de um dado texto de uma língua para outra, como uma atividade de codificação e decodificação de mensagens. Desse ponto de vista, ela é unicamente uma operação linguística. No entanto, ao considerar que a língua desempenha uma função mediadora, que ela permite aos seres humanos estar no mundo, os horizontes de percepção necessariamente se ampliam. Dessa perspectiva, o fenômeno tradutório, sendo uma atividade que ocorre entre línguas, constitui um fato de linguagem.

Dessa alteração de concepção da tradução – de operação linguística para fato de linguagem –, decorre uma mudança epistemológica, implicando uma mudança na percepção do fenômeno tradutório. Ele deve ser entendido como mais do que um fenômeno de língua (ou de línguas), mas como um operador, um índice tanto da diversidade linguística e cultural do mundo quanto da natureza humana. Trata-se, portanto, de uma atividade que carrega em si uma riqueza conceitual e prática inestimável.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias*: vol. I - Economia, parentesco, sociedade. Tradução de: Denise Bottmann. Campinas: Pontes, 1995a. 368 p.

_____. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4a. ed. Campinas: Pontes Editores, 1995b. 387 p.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de: Eduardo Guimarães et al. 2a. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006. 294 p.

_____. La traduction, la langue et l'intelligence. In: FENOGLIO, Irène (org.) et al. *Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 37–44.



FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013. 198 p.

HOFF, Sara Luiza. *A nota “La traduction, la langue et l’intelligence”*: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste. 2018. 210 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2018.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. 279 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 2a. ed. Tradução de: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970. 279 p.

STEINER, George. *Depois de Babel*: questões de linguagem e tradução. Tradução de: Carlos Alberto Faraco. 3a. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2005. 534 p.

THOUARD, Denis. *Et toute langue est étrangère*: le projet de Humboldt. Paris: Éditions Les Belles Lettres, 2016. 333 p.